

Escola no Cruzeiro vai reprová 70% este ano

D.F. - Educação

OPINIÃO PÚBLICA

19 DEZ 1981

O Centro de Ensino nº 1 do Cruzeiro Velho pode ter, entre seus mil e 200 alunos, até 70 por cento de reprovação. A denúncia partiu de pais de alunos daquela escola, que debitam à greve de 33 dias realizada este ano pelos professores o alto índice de repetência e evasão. A porta-voz da má notícia é Lúcia Amaral, moradora daquela satélite e que teve seus cinco filhos matriculados no Centro de Ensino reprovados, do primário ao segundo grau. Lúcia acha que a greve reduziu muito o tempo que os alunos tinham para se dedicar às disciplinas e o acúmulo de matérias influenciou principalmente nas reprovações, "porque as crianças não conseguiram assimilar todo o conteúdo das disciplinas, com um cronograma atrasado em quase 40 dias".

Apesar da justificativa dos professores de estarem lutando por melhorias na qualidade de ensino e por salários justos, Lúcia acha que a greve "da forma como tem sido feita" atrapalha muito o desenvolvimento e o interesse da criança pela escola. Do outro lado, o professor Elso Brito Pereira, diretor da escola, afirma que os pais estão sendo precipitados ao divulgarem percentual tão elevado de reprovações. "O ano letivo ainda

não terminou e muitos alunos estão em fase de recuperação. O resultado final só será conhecido no final de fevereiro, quando termina esta fase". Mas ele próprio admite que a quantidade de alunos reprovados este ano deverá ser significativa.

Falando em nome dos pais, Lúcia Amaral mostra-se preocupada. No segundo grau, explica ela, da turma de 40 alunos do primeiro ano "A", apenas cinco passaram de ano, 16 ficaram em recuperação e 19 foram reprovados. No primeiro ano "B", dos 34 alunos da turma, quatro foram aprovados, 16 estão em recuperação e 14 não conseguiram média para a série seguinte. Os melhores percentuais estão com os alunos do primeiro ano "C": dos 36, 13 passaram para o segundo ano, oito precisam de recuperação, mas 14 foram reprovados. A turma do primeiro ano "D", com 23 estudantes, teve seis aprovações, 11 para a recuperação e seis não conseguiram passar de ano.

O professor Elso justifica dizendo que o ano letivo está em curso e ele espera aprovar pelo menos 70 por cento dos alunos em recuperação. Dos que estudam na parte da manhã, "acho que vamos aprovar, em média, 55 por cento. É um índice

baixo, mas é preciso analisar todo o contexto em que as coisas aconteceram este ano". Elso Brito refere-se à pouca atenção que o ensino público vem recebendo do Governo. Segundo o diretor do Centro de Ensino nº 1 do Cruzeiro Velho, é preciso aumentar a verba destinada às escolas públicas e "descentralizar as ações, valorizando o ensino gratuito".

NOTURNO

Elso acha importante falar também da evasão. O período mais problemático é o noturno. São alunos que geralmente trabalham durante o dia e às vezes desistem de continuar o curso.

A reprovação neste horário é de 50 por cento, incluídos aí também aqueles que não conseguem terminar o ano. Apesar da greve de 33 dias e do acúmulo de matérias, o diretor acredita que manterá o nível de aprovação do ano passado, que foi de 70 por cento. Lúcia Amaral insiste que a greve, este ano, foi decisiva para a reprovação na maioria das escolas: "A paralisação dos professores por tanto tempo prejudicou muito o desenvolvimento do aluno, que não consegue acompanhar o ritmo e armazenar tantas informações em tão pouco tempo".

Sindicalista culpa crise e Governo

A má qualidade de ensino, à crise econômica - pêndulo da evasão escolar e da desnutrição, "O Governo é o maior responsável pelo que está acontecendo ao ensino público no Brasil, que tem hoje 19 por cento de professores leigos". Jorge Luiz Santos Ferreira, diretor de Assuntos Educacionais do Sindicato dos Professores, discorda de que a greve dos professores, durante 33 dias, tenha sido a principal causa da reprovação maciça observada em grande parte das escolas públicas. Segundo ele, não "é justo acusar os professores pela crise na qualidade do ensino nas escolas públicas. As regiões Norte e Nordeste, por exemplo, têm 60 por cento de professores leigos (sem formação superior ou licenciatura curta — curso normal), com salários de até Cr\$ 720".

Os problemas de evasão e repetência, insiste Jorge Luiz, concentram-se nas cidades-satélites, principalmente nos locais de população de baixa renda como a Vila Paranoá e Samambaia. "Nestas satélites o Governo construiu algumas escolas de lata e o calor é insuportável, atrapalha o aluno e professor, sem falar no barulho". Ele culpa a discriminação que os próprios órgãos do GDF dispensam às "escolas públicas de periferia em relação à distribuição da verba".